

## O ENSINO DE LITERATURA E A LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO

Francisca Janicleide de Oliveira Pereira  
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN  
E-mail: [janin@hotmail.com](mailto:janin@hotmail.com)

Maria das Graças de Oliveira Pereira  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN  
E-mail: [mary\\_ta\\_oliveira@hotmail.com](mailto:mary_ta_oliveira@hotmail.com)

### RESUMO

A literatura é uma arte de extrema importância para a vida de cada um de nós, porém sabemos que a maioria de nossas escolas dão pouca ou nenhuma importância ao ensino desta arte, assim, muitas de nossas escolas acabam apresentando concepções de texto, de leitura e de ensino literário muito distante do que está previsto nos documentos oficiais que norteiam este ensino. Frente a este problema este trabalho tem como objetivo identificar segundo alguns teóricos como se concretiza o ensino de literatura no ensino médio. Para concretizar este objetivo discutimos e tentamos conceituar o que é literatura com base nas definições apontadas por Eagleton (1997) e Culler (1999). E embasados por teóricos como: Bordini (1989), Cosson (2006), Martins (s.d) e Silva (2005) procuramos explicitar como ocorre o ensino de literatura e de leitura literária neste nível de ensino. Por meio deste aporte bibliográfico identificamos que a maioria das nossas escolas transmite aos seus alunos uma concepção de ensino literário ainda muito arcaico, em que o mesmo é dividido em escolas literárias demarcadas por tempos fixos e o ensino de leitura literária com base em fragmentos de textos e atividades de interpretações que em alguns momentos buscam refletir sobre aspectos gramaticais. Estas práticas tão arcaicas nos fazem refletir sobre nossa prática pedagógica, detectar nossos erros e acertos quanto ao ensino de literatura e de um certo modo leva-nos a encontrar outras metodologias que despertem o interesse e desenvolva a aprendizagem dos alunos no ensino de literatura no ensino médio.

**PALAVRAS - CHAVE:** Literatura, leitura e ensino médio.

### INTRODUÇÃO

A literatura como arte tem o poder de expressar por meio da tessitura das palavras distintas formas de ver e entender o mundo, nossos sentimentos, nossas relações, assim podemos dizer que a literatura contribui para a construção de diversos conhecimentos e, além disso, possui um caráter humanizador que atua na formação dos seus sujeitos. Desta forma, adentrar no mundo literário é mergulhar em um mundo encantado que ganha forma através das palavras, e por meio destas consegue desenvolver no aluno o prazer em ler, interpretar e analisar.

Entretanto, quando falamos no ensino de literatura não é esta visão literária que a maioria das escolas irão transmitir, visto que, há uma distância muito grande entre o ensino literário proposto e como ele realmente é efetivado em sala de aula. Ao atentarmos para estes problemas procuramos realizar um estudo teórico para o qual tivemos como aporte bibliográfico autores tais como: Martins (s.d), Cosson (2006), Silva (2005) e Bordini (1989)

por meio dos quais procuramos explicitar como ocorre o ensino de literatura e leitura neste nível de ensino, bem como, nos propomos a explicitar qual o objetivo de ensinar literatura e como o texto literário deve ser compreendido.

Por meio destas discussões acerca das teorias literárias e de ensino da língua e literatura buscamos ofertar um referencial que contribuirá para nortear a leitura de textos literários, pois visa identificar que tipo de leitura ele proporciona aos alunos. Assim, colaborará para repensar nossa prática de ensino de literatura e do texto literário e, sobretudo apresentará novas propostas para o ensino literário de maneira que possibilite inovar metodologicamente esta prática proporcionando uma aprendizagem prazerosa que tenha significado para a vida do educando.

Deste modo cooperará para entendermos a literatura da maneira como Coutinho (1978) a concebe, isto é, como arte que transfigura o real, que apresenta uma realidade recriada através da alma do artista e que ao ser retransmitida pela língua em diversos gêneros toma corpo e nova realidade. Uma arte que passa a viver uma vida autônoma, independente do autor e da experiência concreta de onde surgiu. E, contudo por meio da linguagem recria um contexto social, histórico, ideológico e assim pode ser percebida como produto social que representa as condições de vida de um povo em seus diferentes aspectos.

## DISCURSÃO TEÓRICA E RESULTADOS

Ao refletirmos sobre o ensino de literatura e leitura literária no ensino médio é preciso inicialmente atentar para as colocações de Beach e Marshall (1991, apud SILVA, 2005), segundo eles há uma distinção entre leitura literária e ensino de literatura. A primeira diz respeito às experiências e compreensões do leitor no momento da leitura, enquanto que a segunda procura ver a obra através de sua organização estética. Mas na realidade esses dois níveis devem caminhar juntos para que o ensino seja significativo para o aluno, como nos afirma Silva (2005, p. 33):

Nesse sentido, leitura e literatura mantêm relações dialógicas, pois compartilham uma natureza interdisciplinar e convergem para um mesmo ponto: o diálogo entre as diversas áreas do conhecimento que estão subjacentes ao ato da leitura e à recepção do texto literário.

Feita esta distinção inicial buscamos definir qual o objetivo de ensinar literatura, este para Zilberman se resume a

Compreender a literatura como fenômeno social integrado num contexto histórico-sócio-econômico; criar ou desenvolver o espírito crítico do estudante; transmitir conhecimentos; perceber o fenômeno literário como objeto de linguagem [...] desenvolver o uso da linguagem para as mais diversas situações sociais [...] comparar textos literários e não-literários. (apud SILVA, 2005, p. 58).

Com este propósito de entender a literatura como um produto artístico que está estritamente ligado aos fatores sociais, históricos, políticos e econômicos de uma determinada época. Isso nos faz ver a literatura como fazer artístico que reflete a sociedade e ao mesmo tempo pode refletir nela.

Seguindo esta compreensão de literatura o texto literário deve, pois ser percebido como processo de apreciação, investigação e interpretação deste saber artístico organizado, para afirmação deste pensamento Lima (apud SILVA, 2005, p. 59-60) diz:

O texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar a imaginá-lo e, por fim, interpretá-lo. Essa dupla função de imaginar e interpretar faz com que o leitor se empenhe na tarefa de visualizar as muitas formas possíveis do mundo identificável, de modo que, inevitavelmente, o mundo repetido no texto começa a sofrer modificações. O texto ficcional automaticamente invoca a convenção de um contrato entre autor e leitor, indicador de que o mundo textual há de ser concebido, não como realidade, mas como se fosse realidade.

Com esta visão o texto literário é o caminho para se compreender melhor a literatura como transfiguração do real já que como pontua Silva (2005, p. 59) “[...] a literatura transgredir normas, convenções, desconstrói a própria linguagem e inaugura mundos possíveis, por meio da transfiguração do real”. Entretanto esta autora nota que os alunos não conseguem ter esta mesma concepção por desconhecerem esse processo de transfiguração da palavra e encararem o texto literário como uma cópia da realidade, e isto é fruto da maneira como a escola aborda a literatura e a leitura literária.

Isso faz notar que a leitura literária não é uma atividade simplória, pois com afirma Cosson (2006, p. 29):

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro.

Contudo sabemos que este ensino e estas concepções aqui elencadas dificilmente se concretizam no espaço da sala de aula, por este motivo procuramos refletir como vem sendo

desenvolvido o trabalho com a literatura e com o texto literário. Para Silva (2005) a literatura vem sendo trabalhada nas escolas como elemento decodificável baseada nos limites da superfície textual e em noções de certo e errado. É um ensino pautado no trabalho com as chamadas fichas de leitura, cujo objetivo é levar o aluno a reproduzir informações gerais sem necessidade de fazer uma leitura mais profunda do texto, para responder aos questionamentos propostos basta apenas identificar partes do texto que obteremos as respostas. Então é desnecessário refletir, interpretar ou até mesmo questionar as informações que compõem determinada obra. Criticando esta postura frente à literatura e conseqüentemente ao texto literário Silva (Ibid., p. 17) expõe:

o tratamento dado ao texto literário na escola por meio das fichas de interpretação, as quais desmotivam o aluno e incutem, no educando, a ideia de que fruir o texto literário é elaborar a ficha encomendada pelo professor com informações, tais como: título da obra, nome do autor, descrição das personagens principais e secundários, além de outros detalhes superficiais que não avaliam de fato a compreensão do texto.

Arelados a esta forma arcaica de ensinar literatura temos como assegura esse mesmo autor uma:

*escolarização inadequada* da literatura, desenvolve-se o leitor reprodutor, aquele orientado para identificar as informações que estão no texto (idéias principais, personagens principais, secundárias...), mas incapaz de estabelecer um diálogo mais amplo com o texto, construindo, reconstruindo informações, inferindo, antecipando, rejeitando, abandonando sentidos previamente estabelecidos. Nessa perspectiva inadequada da escolarização, o sentido é buscado pelo receptor como algo inerente ao texto e não como resultado das operações que o leitor realiza em contato dinâmico com a obra. (Ibid., p. 58).

Nesta vertente percebemos que o ensino de literatura vem sendo conduzido de forma superficial e, portanto artificial, onde o texto literário não consegue despertar no aluno o prazer pela leitura. Esta é tratada como uma obrigação e não como uma atividade que nos dá a possibilidade de reconstruir o mundo de forma prazerosa por meio do desenvolvimento da criatividade e da imaginação na interação com os textos. No momento em que a literatura não é compreendida pelo seu caráter interdisciplinar “como fenômeno cultural, histórico e social, como instrumento político capaz de revelar as contradições e conflitos da realidade. No diálogo entre o mundo empírico e o universo ficcional” (Ibid., p. 36) ela passa a ser vista apenas como um saber retrógrado, complicado e muito distante da realidade, desta forma, a

leitura não faz parte vida diária dos alunos, mas somente da prática escolar, pois como afirma Bordini e Aguiar (1993, apud SILVA, 2005, p. 24) “[...] ler literatura é mergulhar num universo imaginário organizado, carregado de pistas que o leitor deve seguir se quiser levar a leitura, ou melhor, o ‘jogo literário’ a termo”.

Se a literatura não é vista como um meio para desenvolver a criatividade e a imaginação do aluno através da interação com os textos, visando à construção e reconstrução de interpretações e se são simplesmente apresentadas leituras já prontas despreza-se o caráter ideológico que emana dos textos literários e não se concebe como um produto composto por elementos da diversidade cultural que engloba contexto de produção, diferentes visões de mundo, valores ideológicos, humanos e sociais, enfim não se considera a capacidade que o signo linguístico detém, pois como bem define Cosson (2006, p. 16):

A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. Por essa exploração, o dizer do mundo (re) construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como uma prática fundamental para a constituição de um sujeito da escrita. Em outras palavras, é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos.

Ao passo que a escola não leva em conta esse poder polissêmico que emana da linguagem e deste modo também da literatura, ela detém noções distorcidas do que seja língua, texto, leitura como pode ser confirmado na seguinte citação de Silva (2005, p. 23):

A noção de língua como sistema abstrato de signos, a compreensão de texto como mera soma de palavras ou de frases descontextualizadas, além do conceito de leitura como simples decodificação [...] as escolas formam o “leitor reproduzidor”, já que há limitações na exploração didática da leitura com o predomínio de perguntas que incutem, no aluno, a noção de leitura como “constatação” e não como construção ou negociação de sentidos. Desse modo, as estratégias inferenciais são pouco recorrentes e o aluno não consegue entender o lado lúdico e criativo da leitura.

No Ensino Médio procura-se integrar o leitor à cultura literária. Entretanto o ensino de literatura fica restrito ao estudo da história da literatura, ou seja, ao estudo cronológico dos estilos literários por meio de uma sucessão de escolas, de obras e de autores consagrados, onde comumente se realiza o estudo da biografia dos autores dando ênfase aos principais fatos de sua vida, assim como, as suas principais obras. Os textos literários são estudados de forma

fragmentada e estes servem para confirmar as características literárias vistas antes. Raríssimas vezes o professor trabalha uma obra por completo e quando isto acontece ou despreza o cânone e passa a utilizar textos que apresentam uma linguagem mais acessível, ou seja, mais próxima das vivências do leitor; ou trabalha apenas obras consagradas pelo cânone para mostrar como exemplo do que é escrever bem.

É com base nesta acepção de escrita ideal que o ensino de literatura habitualmente ao longo do tempo vem servindo de pretexto para o ensino de gramática por apresentar o modelo de linguagem ideal, com isto à escola conforme Martins (*apud* BUZEN e MENDONÇA, s.d., p. 85) “cultiva uma visão tradicional da literatura, considerada como um conjunto de textos a ser admirado, e caracterizada por um ‘bom estilo’, digno de ser imitado pelos alunos”, com esta visão desconsidera que a literatura é uma arte e como arte não se prende a norma culta da língua, pois possui uma liberdade criativa de valor estético.

O modo como o ensino de literatura vem sendo desenvolvido é fundamentado no Livro Didático adotado pela instituição escolar, um ensino fragmentado, pois segundo Bordini (1989, p. 9):

A escola não permite a entrada no mundo dos livros de forma completa e sim cortando aos pedaços, como no livro didático. Ensina-se literatura para aprender gramática, para revisar a História, a Sociologia, a Psicologia e para redigir melhor. Tornando-se matéria para adornar outras ciências, o texto literário descaracteriza e afasta de si o leitor.

Desta maneira dificilmente as propostas de leitura serão cumpridas como se devem, pois raramente algum aluno conseguirá ler as entrelinhas de um texto, dificilmente ele conseguirá estabelecer relações entre texto e contexto e ainda despertar para observação do simbolismo presente na linguagem literária, pois terá como meta principal cumprir com o programa do vestibular. Assim, o ensino segue com base em duas vertentes: a dos alunos que conhecem o que é literatura e os que leem, leitura aqui entendida como mera fruição, ou seja, ler por ler ou ler simplesmente com o objetivo de fazer resumos, debates ou ter o texto literário como suporte para discutir problemas ou temas sociais.

Sendo assim, como já disse Silva (2005, p. 36) “ensinar literatura não é apenas elencar uma série de textos ou autores e classificá-los num determinado período literário, mas sim revelar para o aluno o caráter atemporal, bem como a função simbólica e social da obra literária”. Ao despertar para este caráter na obra literária esta mesma autora vê a necessidade de discutir a literatura com o aluno para que ele possa vivenciá-la e compreendê-la como representação do social.

Ao considerar este caráter atemporal do texto literário, assim como sua função simbólica e social e ainda atentar para as condições de produção e recepção em que foi criado o texto, acreditamos como Martins (*apud* BUZEN e MENDONÇA, s.d.) que é preciso que a escola incentive a leitura dos clássicos, porém não deve se prender somente a eles. Carece mostrar ao aluno todo o caráter intertextual, interdisciplinar e transversal que emana do texto literário.

Portanto como pontua Leahy-Dios (*apud* SILVA, 2005, p. 38):

Ensinar e aprender literatura não podem continuar a ser apenas um apanhado histórico, nem a memorização de características rígidas de escolas de produção literária de um passado europeizado e seletivo. [...] Não há democratização do saber e do poder da leitura quando, em vez de ler o texto, o aluno procura a “subjetividade e a individualidade” necessárias para identificar linearmente o autor romântico, o bucolismo arcadista de uma “casa no campo”, as antíteses temáticas barrocas, a crítica social realista superficial. Não cabe mais continuar a situar a literatura em blocos monolíticos de períodos literários século a século, excluindo-se quaisquer manifestações literárias fora dos padrões delimitados por tais características, ensinadas e reforçadas nas leituras de excertos literários, prática dominante na escola brasileira de ensino médio.

Contudo para deixarmos de lado esta visão canhestra da literatura é necessário primeiro compreender a literatura como fenômeno social que integra o contexto histórico, social e econômico, uma arte que representa a realidade pelo seu poder de transfigurar o ficcional. Para fazer com que o aluno entenda todo este processo é preciso conceber o elemento literário como objeto da linguagem, esta deve ser vista nas mais variadas situações sociais de modo que oportunize comparar textos literários e não-literários. Devemos transmitir conhecimentos e procurar desenvolver o espírito crítico e analítico nos estudantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as discursões teóricas apresentadas podemos identificar concepções de leitura literária, de texto literário e conseqüentemente percebemos como se dá o ensino de literatura no ensino médio.

Percebemos que o texto literário na maioria de nossas escolas é deixado em segundo plano ou utilizado como suporte para realização de estudos gramaticais, pretexto para discussão de alguns temas. Sem falar na prática historicista das aulas de literatura que padroniza esta arte por períodos literários isolados um do outro, onde se enfatiza muito mais o momento histórico e a vida do autor do que a obra literária. Esta por sua vez é apresentada

através de pequenos fragmentos, serve apenas como exemplo representativo de um dado período literário. Com isso a linguagem literária perde o seu real valor e desta maneira não há contribuição para a formação dos nossos alunos.

Depreendemos também com base nestes pressupostos teóricos que a leitura literária deve nos ajudar a desenvolver um hábito prazeroso de leitura, onde possa ser tratado como elemento que motive o aluno, dando acesso a participar dos aspectos sócio-culturais, linguísticos e humanos.

Com base na apresentação destas ideias cabe ao professor a tarefa de discernir e selecionar o material didático que melhor se adéqua ao ensino de literatura, com vista a tornar seus alunos leitores competentes e cidadãos críticos-reflexivos, isso requer um olhar que não se fixe apenas no livro didático como objeto único e instrumento a ser seguido cegamente no processo de ensino.

Pensando na formação de leitores e produtores de texto, é necessário, sobretudo, que o ensino literário parta da própria obra, isto é, da leitura da obra por completo e não apenas de fragmentos dela. Assim conseguirá atingir o objetivo maior do ensino de literatura, despertar no aluno o gosto pela leitura com vista a formar cidadãos mais humanos e pensantes e com isto também desenvolver as habilidades de produzir textos. Que a escola possa abrir espaço para a leitura não só dos cânones, mas também dos diferentes textos que estão à margem, que não são estudados, mas que tem um grande valor literário.

## REFERÊNCIAS

BORDINI, Maria da Glória. **Guia de leituras para alunos de 1º e 2º graus**. Centro de Pesquisas Literárias. Porto Alegre: PUCRS/Cortez, 1989.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINS, Ivanda. **A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?** IN: MENDONÇA, M. & BUZEN, C. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola editorial, s.d.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras/ UFPE, 2005.